

Lazer, Sustentabilidade e América Latina: Reflexões Sobre os Desafios Ambientais do Presente¹

Rodrigo Elizalde²

Christianne L. Gomes³

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar a fundamentação conceitual que embasa uma pesquisa dedicada à análise de programas latino-americanos de pós-graduação na área da sustentabilidade e meio ambiente, verificando se há interfaces com o lazer e em que medida pode haver uma troca colaborativa de conhecimentos e experiências. Neste contexto se discute as temáticas do lazer e da sustentabilidade na América Latina, tendo em vista estudar e compreender de que maneira o lazer pode colaborar com os desafios ambientais do presente. A partir desses fundamentos, buscase, com essas reflexões, contribuir com a construção de alternativas para uma América Latina solidária, sustentável e com maior qualidade de vida para todos.

Palavras-chave: Lazer; Sustentabilidade; Meio Ambiente; América Latina.

Em geral, ao abordar a temática da sustentabilidade se utilizam distintos conceitos, tais como: desenvolvimento sustentável, desenvolvimento humano, gestão ambiental, meio ambiente, ecologia, etc. Primeiramente, deve-se ter clareza de que não existe uma única forma de entender a sustentabilidade, tampouco um único aspecto a ser considerado. Portanto, é necessário tratar da sustentabilidade considerando os diversos elementos que estão a ela vinculados: econômicos, sociais, ambientais e turísticos, entre outros.

Assim, o conceito de sustentabilidade envolve não apenas o meio ambiente, englobando também questões como pobreza, população, saúde, alimentação, trabalho, educação, democracia, direitos humanos e lazer, entre várias outras. Nessa perspectiva, como destacado pela UNESCO (1997), a temática da sustentabilidade deve ser tratada com enfoque inter/transdisciplinar, considerando aspectos locais, regionais e nacionais particulares, dentre os quais o contexto latino-americano.

Mais além da diversidade existente na região, alguns aspectos problemáticos são compartilhados pela maioria dos países que constituem a América Latina, ou até mesmo

¹ Este texto é parte de uma pesquisa realizada com o apoio do CNPq e da FAPEMIG/PPM.

² Doutor e Mestre em Educação. Psicólogo. Professor Substituto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Co-Líder do Grupo de pesquisa OTIUM: Lazer, Brasil & América Latina (CNPq/UFMG). *E-mail:* roelizalde@gmail.com

³ Pós-Doutora em Ciências Políticas e Sociais pela Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina. Doutora em Educação pela UFMG, Brasil. Professora e Subcoordenadora do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (M/D) da UFMG. Líder do Grupo de pesquisa OTIUM: Lazer, Brasil & América Latina (CNPq) e pesquisadora da FAPEMIG. *E-mail:* chrislucegomes@gmail.com

por todos, indicando a existência de elementos comuns: desigualdades sociais extremas, variadas formas de pobreza e violências acompanhadas dos problemas delas decorrentes (desemprego e precarização do trabalho, fome e desnutrição, analfabetismo real e funcional, paupérrimas condições de moradias, ineficácia do transporte e do sistema público de saúde, tráfico de drogas, etc.), destruição ambiental e alteração irreversível dos equilíbrios de muitos ecossistemas planetários. Sem contar a tendência a concentrar o poder econômico e político, como consequência da tradição de muitos regimes autoritários e ditatoriais que marcaram profundamente muitos países latino-americanos. Outro elemento unificador situa-se na formação histórica das nações que integram a região é a colonização de exploração a que foram submetidas, com sérias implicações observáveis até mesmo nos dias atuais.

Há de se ressaltar, também, o fato de muitos países latino-americanos possuírem índices significativos de dívidas externas e não conseguirem superar a situação de dependência econômica de outros países, especialmente dos Estados Unidos, que, gradativamente, foram exercendo uma expressiva influência e dominação sobre praticamente toda a região. A influência norte-americana é amplamente perceptível no lazer, especialmente nos dias atuais. Isso faz com que o lazer não consiga ser concebido e efetivado como um direito social, passando a ser tratado como um produto destinado ao consumo massivo de bens e de serviços recreativos.

As bases dessa compreensão podem ser associadas ao “recreacionismo”, um movimento social e educativo que teve origem nos Estados Unidos no final do século XIX. Este movimento propiciou a sistematização de conhecimentos e metodologias de intervenção sobre a recreação, fomentou a criação de espaços próprios para a prática de atividades recreativas (como playgrounds, centros de recreação, praças de esportes e jardins de recreio) e abriu novas frentes de formação e de atuação profissional. Com o auxílio de instituições como a *Young Men's Christian Association* (YMCA), nas primeiras décadas do século XX o recreacionismo propagou-se rapidamente por vários países, atingindo especialmente a América Latina (GOMES, PINTO, 2009).

Este encaminhamento reforçou a importância da recreação como uma possibilidade educativa e rechaçou o ócio, visto como uma ameaça ao desenvolvimento das sociedades que pretendiam se modernizar e se expandir economicamente. Por essa razão, observa-se que na América Latina ainda há um preconceito com relação ao uso

da palavra *ocio*, geralmente associado no vocabulário comum com preguiça e vadiagem, confundindo-se assim com ociosidade.⁴

Diversos autores latino-americanos (SUARÉZ, 2009; OSORIO, 2009; AGUILAR, 2009; LEMA e MACHADO, 2009; RIED, LEIVA e ELIZALDE, 2009) apontam as dificuldades conceituais que rondam a palavra *recreación* e termos correlatos, tais como *animación sociocultural*, *tiempo libre* e *ocio*. Muitas vezes esses termos são utilizados indistintamente, gerando contradições e problemas de compreensão. Além disso, é possível constatar uma pluralidade de sentidos e significados atribuídos à palavra *recreación* nos países da América Latina, o que compromete, na visão desses autores, o avanço de conhecimentos sobre o tema. (GOMES, ELIZALDE, 2012)

No Brasil, único país latino-americano de língua portuguesa, é utilizado tanto o termo recreação como a palavra lazer, embora esta última seja a mais usual quando se considera o campo acadêmico. O lazer pode ter significados diferentes de acordo com o contexto, mas, mantém algum tipo de relação com a vivência de atividades culturais, com o tempo/espaço disponível e com a atitude assumida pelas pessoas neste tipo de experiência – atitude marcada por um sentimento de liberdade (mesmo que seja apenas imaginada), impulsionada pela busca de satisfação e comprometida com o desfrute do momento vivido (GOMES, 2010).

Sendo um fenômeno dialético e dialógico, não se pode desconsiderar o fato de que o lazer é permeado por contradições, conflitos, tensões e ambiguidades de diferentes naturezas. Essas contradições são decorrentes da dinâmica social verificada nas sociedades neoliberais capitalistas, fortemente marcada pela lógica do lucro, pela especulação financeira, pela alienação, pela massificação cultural hegemônica e homogênea, pelo consumismo, pela destruição da biodiversidade e pela desigualdade social que provoca diversas exclusões em todo o mundo, e não somente na América Latina.

Entretanto, somos sujeitos históricos e nem sempre incorporamos passivamente muitos dos valores perversos que marcam a nossa sociedade atual. Consequentemente, nossas experiências de lazer podem tanto refletir a lógica capitalista, individualista e

⁴ Utilizamos em espanhol o vocábulo *ocio*, já que a palavra lazer não tem outro termo similar nesta língua, e acreditamos que ele é o que expressa melhor o significado do objeto aqui estudado.

desprovida de uma ética do bem comum, como podem constituir importantes possibilidades de resistência contra-hegemônica a esse jogo de poder.

Aos profissionais, pesquisadores e pessoas interessadas em aprofundar conhecimentos sobre esse tema são apresentados muitos desafios, trazendo à tona a urgência de repensar o lazer não como uma forma de dissimular/amenizar problemas sociais, mas, de encontrar alternativas para a efetiva concretização desse direito, uma das condições para o exercício da cidadania. Cabe ressaltar que o acesso ao lazer, pela população, não se esgota em propostas assistencialistas baseadas na realização de atividades que visam simplesmente à diversão e ao relaxamento alienantes, descontextualizados da dinâmica social. O significado do lazer precisa, pois, ser redimensionado enquanto um direito social e enquanto uma possibilidade de produção cultural (GOMES, 2008) comprometida com a sustentabilidade e com os desafios ambientais colocados para todo o planeta.

Assim, ao propiciar o desfrute da vida no momento presente, o lazer dialoga com o contexto e reflete as ambiguidades e contradições nele presentes. Neste âmbito, por um lado, infelizmente o lazer, assim como o turismo, podem contribuir com a manutenção do *status quo*, reforçar estereótipos e valores excludentes, consumistas e alienantes. Mas, por outro lado, revestem-se de possibilidades para colaborar com a constituição de uma nova sociedade, mais justa, humanizada, inclusiva, sustentável e comprometida com os princípios democráticos. Tais considerações revelam que, em nossa sociedade, o lazer e o turismo são fenômenos dinâmicos, complexos, dialéticos, permeados de conflitos, tensões e ambiguidades (GOMES, 2004).

Uma dessas contradições relaciona-se com a destruição ambiental e com a privatização dos recursos naturais que direta e indiretamente os países hegemônicos do chamado primeiro mundo provocam em todo o planeta através da perpetuação de um modelo de produção e consumo destrutivo e insustentável do ponto de vista social e ambiental. Neste sentido, são pertinentes as observações de Leff (2001), que salienta a impossibilidade de resolver os crescentes e complexos problemas sociais e ambientais e reverter suas causas sem que ocorra uma mudança radical nos sistemas de conhecimento, dos valores e dos comportamentos gerados pela dinâmica de racionalidade existente, fundada no aspecto econômico do desenvolvimento.

Como pondera Gadotti (2000, p.59), “[...] desenvolvimento não é um conceito neutro. Ele tem um contexto bem preciso dentro de uma ideologia do progresso, que supõe uma concepção de história, de economia, de sociedade e do próprio ser humano”. Na esteira dessa discussão, podemos questionar também a classificação das nações do mundo em “desenvolvidas” e “não desenvolvidas”, “subdesenvolvidas” ou “em desenvolvimento”, tendo como única referência o modelo socioeconômico vigente nos países que ocupam posição de hegemonia na divisão internacional do trabalho e no mercado mundial.

Essa concepção afirmou-se com a chamada revolução industrial inglesa e foi potencializada com o avanço científico-tecnológico, um aspecto que dinamizou as estratégias de crescimento econômico das indústrias capitalistas. Com o fordismo, a técnica foi despida definitivamente de toda consequência e responsabilidade, passando a ser tratada como simples fator de produção: o que importava era a maximização do lucro mediante o incremento do volume de mercadorias que o desenvolvimento econômico ocasionava. Esse processo tem diversas (e perversas) implicações: sociais, econômicas, políticas, culturais e até mesmo ecológicas, com consequências drásticas e, em muitos casos, irreversíveis. Desde que as caldeiras continuem a ferver, pouco importa se as florestas são desmatadas, a biodiversidade destruída e a vida de todo o planeta colocada em perigo (GRANGEIRO, 2009).

Isso requer questionar a ideologia do crescimento como algo positivo em todos os sentidos. Como pondera Elizalde (2008, 2011), quais são os custos socioambientais deste pseudo-desenvolvimento que costumamos chamar de “progresso”? Embora nem sempre sejam divulgadas e conhecidas, sempre existiram formas alternativas de objetivar, socialmente, o intercâmbio dos seres humanos com a natureza.

Seguindo o paradigma cartesiano ocidental, o ser humano se situa fora da natureza, separado dela e convencido, por sua diferenciação, de não pertencer ao complexo sistema chamado biosfera. Situa-se fora dela para explorá-la, dominá-la ou, na melhor hipótese, para simplesmente conservá-la. A preservação é interessante e relevante, mas, representa apenas um ponto de partida para constituir uma nova forma de relacionamento dos seres humanos com a natureza, na qual o homem não seja concebido como o único ser que tem importância, possibilitando que todas as formas de vida tenham o seu valor reconhecido. A perspectiva conservacionista ou naturalista não considera a situação atual como uma consequência do inadequado sistema civilizatório

vigente, por isso não percebe, necessariamente, a existência de uma crise ambiental profunda. Nesse sentido, a realidade ambiental precisa ser tratada de modo muito mais crítico, postulando a necessidade de superar um paradigma economicista, desenvolvimentista, hegemônico, homogeneizador, etnocêntrico e eurocêntrico, produtor e gerador da profunda crise atual que não somente inclui a degradação da natureza, pois, a cada dia aumentam a alienação e a desumanização das pessoas e da vida social em seu conjunto. A crise atual é muito mais intensa do que se pode perceber, e as mudanças e transformações requeridas para superar as variadas e emergentes problemáticas deverão ser de caráter sistêmico e estrutural (MICHELSEN, RIECKMANN, ELIZALDE e outros, 2008).

Por isso, torna-se fundamental passar de um paradigma antropocêntrico para uma perspectiva fraternal e biocêntrica, como assinala Novo (1998). De acordo com as reflexões dessa autora, entender a natureza a partir dessa perspectiva requer que nossas ações técnicas e nossas formas de transformação do meio sejam subordinadas a critérios éticos e morais, o que implica aceitar a premissa base de que as necessidades do planeta são as necessidades da pessoa, e que os direitos da pessoa são os direitos do planeta.

A ética é, portanto, o pilar básico da educação para a sustentabilidade, pois, esta é um intento de adequação das atitudes humanas a pautas apropriadas no que se refere ao uso dos recursos naturais renováveis e não renováveis. Isso requer um profundo exercício crítico acerca dos valores e crenças que sustentam o paradigma atual, causa da crise global ambiental e social na qual nos encontramos, demandando repensar algumas das crenças que ferem os princípios básicos desta ética (ELIZALDE, 2008, 2011):

- Crença na existência de um ideal civilizatório, o que se traduz na naturalização e universalização do ideal ocidental de modernidade/progresso e se expressa na crença em um modelo de desenvolvimento único e superior, social de mercado, neoliberal e capitalista.
- Crença que a responsabilidade primeira da educação formal é preparar as pessoas para que atendam as necessidades e interesses deste modelo civilizatório, adaptando-se a ele de forma passiva e acrítica.
- Crença no progresso contínuo, como se o desenvolvimento das sociedades humanas fosse sempre sinônimo de avanço em uma dada realidade. Isto se

expressa em uma incapacidade de autocrítica para provocar os profundos câmbios requeridos.

- Crença na ciência ocidental como verdade absoluta e superior, o que se traduz na incorporação de tecnologias externas que não necessariamente serão apropriadas pelas realidades locais específicas, desconsiderando todos os outros saberes existentes: populares, indígenas, comunitários, espirituais, e outros não ocidentais; que são tratados como não válidos e pouco rigorosos.
- Crença na capacidade da tecnologia humana para transformar e controlar todos os processos naturais e reverter todos os efeitos indesejados, assim como a desconsideração dos efeitos não previstos e prejudiciais da ação científica e tecnológica no mundo.
- Visão da natureza como objeto de uso, o que se traduz em um desmedido antropocentrismo.
- Crença na existência de uma natureza planetária ilimitada, o que se traduz na desconsideração e desrespeito aos limites da natureza planetária.
- Crença em que mais é igual a melhor. Isto é, que o crescimento econômico será sempre bom e positivo, o que se traduz em sobre-exploração de recursos e contaminação desmedida, sem considerar os limites naturais.

Seguindo as observações de Novo (1998), às crenças anteriormente citadas podemos agregar outras que também necessitam ser repensadas: Consideração do homem como centro do planeta; compreensão atomizada do mundo e da vida; valoração das necessidades humanas acima dos recursos naturais e ambientais; identificação do progresso com o mero crescimento econômico e a máxima posse de bens, esquecimento da presença de outros em nossas vidas e sobrevalorização do espaço e do modo de vida urbanos. Ademais, há a crença na primazia absoluta do presente em detrimento dos planejamentos a médio e longo prazos e a falácia da neutralidade de nossos atos. Todas essas crenças comprometem a sustentabilidade e a sobrevivência da espécie humana no planeta.

Frente a esses atuais desafios, a sustentabilidade é uma necessidade premente e impossível de não se enfrentar, tendo em vista a busca de alternativas comprometidas com as transformações requeridas na atualidade. Isso é imprescindível para a superação de problemáticas tão graves como a degradação do meio ambiente que assola todo o

planeta, a mudança climática, a crescente perda de biodiversidade, a grave contaminação do ar, da água e do solo, a desertificação, erosão e perda da capa vegetal, a preocupante diminuição de água doce, o esgotamento de fontes de energia não renováveis, etc. Associados a estes desequilíbrios, em nível social tem-se outros problemas inquietantes, como os altos níveis de exclusão social; tráfico de armas, drogas, pessoas e órgãos como um negócio altamente lucrativo; as variadas formas de violência e discriminação, o consumo exacerbado e os efeitos perversos da globalização, a corrupção estrutural nos setores públicos e privados, o descrédito dos representantes políticos, entre tantos outros problemas agravados em toda a América Latina.

Esses e outros desafios para a sustentabilidade evidenciam a importância de considerar aspectos mais amplos e que têm relação com toda a América Latina, correlacionando-os às particularidades das realidades locais. Para superar essas dificuldades, é também imprescindível retomar a questão política da integração latino-americana e suprimir a colonialidade do saber e do poder (LANDER, 2005) que vem perpetuando-se nos diferentes países latino-americanos.

Sobre estes aspectos, torna-se importante salientar as contribuições do *Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO)*, uma instituição de significativa representatividade na região. CLACSO é uma instituição internacional não-governamental, criada em 1967, que mantém relações formais de consulta com a UNESCO. Funciona como uma rede constituída por instituições públicas ou privadas que desenvolvem atividades de pesquisa, formação e extensão. Seus objetivos são a promoção e o desenvolvimento da investigação e conhecimento em ciências sociais, assim como o fortalecimento do intercâmbio e cooperação entre instituições e pesquisadores da região e de outros continentes. Compromete-se com a disseminação do conhecimento produzido por pesquisadores envolvidos com os movimentos sociais, as organizações populares e as entidades da sociedade civil. Através destas e outras atividades, o CLACSO contribui para repensar, a partir de uma perspectiva crítica e plural, a problemática das sociedades latino-americanas e caribenhas.

Para isso, o CLACSO desenvolve diversas estratégias, dentre as quais podem ser citada a Rede de Pós-graduação, integrada atualmente por 608 programas de Mestrado e Doutorado desenvolvidos por 171 instituições de 22 países. Ao analisar os cursos que

integram a Rede CLACSO de Pós-graduação, foi possível verificar a existência de 10 programas, desenvolvidos em sete países latino-americanos distintos, dedicados às temáticas da sustentabilidade e meio ambiente.

Tendo em vista esse contexto, foi proposta uma pesquisa que busca articular as temáticas lazer, sustentabilidade e meio ambiente na América Latina. Como ponto de partida para este estudo, foram elaborados os seguintes questionamentos: O lazer é uma temática abordada nos programas de pós-graduação em sustentabilidade e meio ambiente desenvolvidos na América Latina que integram a Rede CLACSO? Como essa abordagem vem acontecendo, ou poderia ser desenvolvida? De que maneira o lazer pode colaborar com a sustentabilidade e com os desafios ambientais? No contexto latino-americano existem experiências locais coerentes com as concepções enfatizadas nesses programas que relacionam as temáticas lazer, sustentabilidade e meio ambiente? Quais são os elementos comuns e diferenciados dessas experiências?

As contribuições científico-tecnológicas desta pesquisa estão relacionadas principalmente: (a) com a possibilidade concreta de constituir redes de intercâmbio no contexto latino-americano entre instituições, professores, pesquisadores, estudantes e profissionais interessados na articulação entre as temáticas lazer, sustentabilidade e meio ambiente; (b) fomentar a construção de novos conhecimentos sobre o lazer e temas afins no âmbito dos programas de pós-graduação em sustentabilidade e meio ambiente que integrem – ou não – a Rede CLACSO; (c) difundir as experiências locais latino-americanas identificadas na pesquisa, destacando os saberes e as estratégias adotadas para articular as temáticas lazer, sustentabilidade e meio ambiente, (d) sistematizar os elementos teórico-metodológicos comuns e diferenciadores dessas experiências exitosas, constituindo assim uma tecnologia comprometida com a ampliação das possibilidades de desenvolver propostas similares em outras realidades e (e) gerar novos diálogos consistentes e críticos sobre lazer, sustentabilidade e meio ambiente na realidade latino-americana.

Assim, esta pesquisa em andamento pode ter desdobramentos mais amplos do que a análise das temáticas no contexto das propostas de pós-graduação aqui consideradas, uma vez que pode constituir uma iniciativa comprometida com os esforços pela integração acadêmica na América Latina e com a construção de outros futuros possíveis, que sejam humanos e solidários.

Ontem, hoje e sempre é imprescindível desvelar os conflitos do presente e buscar a transformação social no sentido de alcançar a sustentabilidade ambiental, social, cultural e tantas outras. Por essa razão, enquanto educadores e pesquisadores do turismo interessados em aprofundar conhecimentos sobre este tema, nós detemos não somente o dever, mas também o direito de problematizar as múltiplas questões que perpassam a constituição dos sujeitos e da vida em nossa realidade, inserindo-as e rediscutindo-as em nosso cotidiano científico-acadêmico, profissional e pessoal/social.

Podemos fazer isso a partir de inúmeras frentes, mas, a premissa básica desta pesquisa é que o lazer pode ser uma (e não a única) ferramenta muito importante para mobilizar a sistematização de saberes e o desenvolvimento de experiências latino-americanas comprometidas com a sustentabilidade e com os desafios ambientais do presente e do futuro.

Tais considerações ressaltam o potencial do lazer para mobilizar experiências educativas, inovadoras e capazes de colaborar com uma mudança de valores. Por meio de diferentes possibilidades – tais como a música, a poesia, o passeio, o grafite, a pintura, a escultura, a dança, as vivências e expressões corporais, o cinema, a fotografia e o teatro, entre inúmeras outras – é possível (re)elaborar valores e caminhar em direção ao processo de (re)construção da nossa sociedade. Enquanto uma dimensão da cultura, o lazer é um fenômeno que pode aguçar nossas sensibilidades (sensibilidade que está relacionada ao plano sensorial, mas que deve ser também sensibilidade social, política, ecológica, etc.), nos ajudar a conectarmos conosco e com nosso contexto, nos estimular a pensar sobre a nossa sociedade para transformá-la e refletir sobre questões mais amplas.

É importante destacar que os benefícios potenciais deste estudo podem gerar contribuições não apenas para as áreas de conhecimento envolvidas, mas, sobretudo, para a sociedade, ou que é relevante no caminho da construção de saberes inter/transdisciplinares inovadores tão necessários no caminho da sustentabilidade. Tudo isso envolve um desafio que também pode ser visualizado como uma potencialidade: a necessidade de se ter um olhar amplo e complexo para abordar os conflitos atuais e para encontrar propostas e soluções alternativas e criativas.

Desta forma, esta pesquisa pode significar uma primeira etapa na criação de um banco de “boas práticas” de lazer vinculadas aos desafios da sustentabilidade. Também pode

significar o ponto de partida para que outros grupos de pesquisa, professores, estudantes, profissionais e instituições públicas, privadas (e também do chamado terceiro setor) sejam despertados para a necessidade de estudar, pesquisar e implementar propostas que articulem essas temáticas.

Pensada desta forma, o potencial educativo desta pesquisa poderá representar mais uma semente desta nova ética que precisamos e que dever ser traduzida em ações e comportamentos concretos. Esta nova ética com consciência ambiental e ecológica necessita incluir a sociedade como um todo para alcançar as urgentes transformações requeridas.

Neste sentido, a construção de futuros sustentáveis requer uma articulação criativa e inter/transdisciplinar com os variados saberes e conhecimentos atuais, algo que ainda não se desenvolve integralmente no campo do lazer. Por isso, esta pesquisa pode ser também estratégica para o incremento nacional e internacional dos conhecimentos relacionados ao lazer e para a socialização de alternativas no caminho da sustentabilidade, para a construção e consolidação de propostas mais consistentes neste âmbito e para a realização futura de estudos mais aprofundados e críticos sobre as temáticas abordadas.

Finalmente, ressalta-se a escassez de estudos interdisciplinares, interculturais, consistentes e críticos que envolvam as discussões sobre lazer, sustentabilidade, meio ambiente, Brasil e América Latina. Sem a pretensão de esgotar o assunto, a presente pesquisa pode auxiliar, assim, a preencher algumas lacunas e fornecer contribuições para as áreas de conhecimento envolvidas, para o Estado de Minas Gerais, para o nosso país e também para a América Latina.

Essas considerações suscitam a necessidade de dialogar com propostas latino-americanas de pós-graduação na área da sustentabilidade e meio ambiente, verificando se há interfaces com o lazer e em que medida pode haver uma troca colaborativa de conhecimentos e experiências, visando o aprimoramento, a consolidação, o avanço e o crescimento recíproco de todos os grupos envolvidos. Essas considerações evidenciam importantes contribuições científico-tecnológicas desta pesquisa que objetiva contribuir com a construção de uma América Latina solidária, sustentável e com maior qualidade de vida para todos.

Referências

AGUILAR, Lupe. El desarrollo de la formación y la investigación en la recreación y el tiempo libre en México. In: GOMES, Christianne; OSORIO, Esperanza; PINTO, Leila M., ELIZALDE, Rodrigo. (Orgs). *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latino-américa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ELIZALDE, Rodrigo. Sustentabilidade, Juventud e Lazer. In: FORTINI, Janice; GOMES, Christianne; ELIZALDE, Rodrigo (Org.). *Desafios e Perspectivas da Educação para o Lazer / Desafíos y Perspectivas de la Educación para el Ocio / Challenges and propectes of Education for Leisure*. Belo Horizonte: SESC/Otium, 2011, p. 95-110.

ELIZALDE, Rodrigo. Responsabilidad Social Empresarial y gestión sustentable de recursos naturales. In: Wilson, Ronald y Caro, Pamela (organizadores) *Sistematización Encuentro Nacional Ciudadanía y Responsabilidad Social Empresarial: Balance de experiencia y desafíos de organizaciones de la Sociedad Civil*. Santiago: CICE / Red Puentes, 2008, p. 51-55.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo, 3º ed., Fundação Petrópolis, 2000.

GOMES, Christianne. Ocio, recreación e interculturalidad desde el “Sur” del mundo: desafíos actuales. *Revista Polis* (en línea/on line), N.26, 2010.

GOMES, Christianne Luce. *Lazer, trabalho e educação: Relações históricas, questões contemporâneas*. 2.ed.rev/atu. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GOMES, Christianne Luce. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, R. Horizontes Latino-americanos do Lazer/Horizontes Latinoamericanos del ocio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GOMES, Christianne; PINTO, Leila. O lazer no Brasil: Analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas / El ocio en Brasil: Análisis de prácticas culturales cotidianas, académicas y políticas. In: GOMES, Christianne; OSORIO, Esperanza; PINTO, Leila; ELIZALDE, Rodrigo (Org.). *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latino-américa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p.67-180.

GOMES, C.; OSORIO, E.; PINTO, L.; ELIZALDE, R. (Orgs.). *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latino-américa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

GRANGEIRO, Lúcia Helena F. *Paulo Freire iluminando os caminhos da educação ambiental: Diálogos contemporâneos e decálogo inspirador e ressignificador de novas concepções e práticas*. Palma de Mallorca: Universitat de Les Illes Balears (UIB), 2009. (Tese, Doutorado em Educação Ambiental).

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (Org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. p.21-53.

LEFF, Enrique. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.

LEMA, Ricardo; MACHADO, Luis. Tiempo libre y recreación en Uruguay: la construcción de un enfoque lúdico educativo. Em: GOMES, Christianne; OSORIO, Esperanza; PINTO, Leila M.; ELIZALDE, Rodrigo. (Orgs). *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latino-américa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. P.311-326.

MICHELSEN, Gerd; RIECKMANN, Marco; ELIZALDE, Rodrigo; e otros. *Programa Maestría Internacional "Sustainable Development Management". Volumen 2: Introducción al desarrollo sustentable*. Capítulo 5: Consideraciones teóricas sobre el concepto de sustentabilidad. 5.2.3. El desarrollo sustentable desde una perspectiva latino-americana. Leuphana Universität Lüneburg. Lüneburg, Alemania, 2008. P. 87-92.

NOVO, María. *La educación ambiental, Bases éticas, conceptuales e metodológicas*. Ediciones UNESCO e Editorial Universitas, S.A. Madrid, España, 1998. Capítulo II, La educación ambiental: Principios desde el punto de vista ético. P. 77 a 113.

OSORIO, Esperanza. La recreación en Colombia: Um campo en construcción. In: GOMES, Christianne; OSORIO, Esperanza; PINTO, Leila M., ELIZALDE, Rodrigo. (Orgs). *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latino-américa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

REID, Andrés; LEIVA, Roberto; ELIZALDE, Rodrigo. La recreación en Chile: Una mirada desde la actualidad y la precariedad. In: GOMES, Christianne; OSORIO, Esperanza; PINTO, Leila M.; ELIZALDE, Rodrigo. (Orgs). *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latino-américa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. P.181-216.

SUÁREZ, Silvana. Una aproximación de la representación social de la recreación en Argentina: Aportes para resignificar el concepto. In: GOMES, Christianne; OSORIO, Esperanza; PINTO, Leila M.; ELIZALDE, Rodrigo. (Orgs). *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latino-américa*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009. p.41-66.

UNESCO. *Educación para um futuro sostenible: una visión transdisciplinaria para una acción concertada*. Paris: Unesco, EPD-97/CONF.401/CLD.1, 1997.